

FANI



EM ALTA



EM BAIXA

A disposição, cada vez mais acentuada, da população de denunciar qualquer tipo de situação em que se sintam lesada. É o caso do estudante Holssen Felix, de José de Anchieta, na Serra. Não hesitou em procurar "Qual a Bronca?" quando constatou que, dos dois quilos de frango comprados pela sua mãe, um quilo e meio era só água.

A reação do taxista que, indignado por ter sofrido 16 assaltos, pôs para correr o bandido que tentou assaltá-lo mais uma vez. Realmente, ninguém ficaria indiferente vendo o fruto do seu trabalho ser roubado tantas vezes. O problema é que bandido não tem nada a perder, se tivesse oportunidade, não hesitaria em atirar para matar.



PEDRO MAIA

CIDADE ABERTA

Nostálgicas lembranças

A Seção Cartas de A Tribuna divulgou ontem duas correspondências que nos tocaram de maneira nostálgica, num misto de alegria e decepção, por mais uma vez constatar o descaso das nossas autoridades para com a memória do povo capixaba.

A primeira dessas correspondências veio de Muqui, enviada pelo leitor Orlando Luís Cruz Dias, e a outra é da lavra do nosso amigo Natanael Leal, que aborda a triste situação a que está relegado o balneário de Santa Cruz, um dos mais antigos núcleos habitacionais do litoral brasileiro.

Orlando anuncia, em sua carta, a 45ª reunião dos ex-alunos do memorável Colégio de Muqui que, durante quase duas décadas, sob o comando do saudoso educador Dirceu Cardoso, formou várias gerações de cidadãos, que mais tarde se destacariam nos vários segmentos da comunidade espírito-santense, entre os quais se inclui o autor destas mal traçadas linhas.

Em sua carta, Orlando reclama da implacável destruição causada pelo tempo, e também do descaso das autoridades quanto à conservação daquela que foi uma das mais importantes instituições da ci-

dade de Muqui e do próprio Espírito Santo.

O Colégio de Muqui marcou sua época, todos que por lá passaram por certo devem guardar boas recordações daqueles tempos, quando o ensino era bem diferente do atual.

Sob a batuta enérgica e racional do "doutor Dirceu", lá, além do que se aprendia nas aulas e nos livros, se aprendia também a viver respeitando o próximo e defendendo com unhas e dentes seus próprios direitos.

Eram três amplos dormitórios (grande, médio e menor) situados em prédios diversos. No térreo de um deles fun-

cionava o refeitório e a cozinha, onde dona Vitalina, a cozinheira, dava as cartas e jogava de mão.

Ao lado se situava a casa do diretor, a capela São José, onde eram celebradas as missas dos domingos, e o internato das meninas, esse último território proibido para a rapaziada.

Na parte inferior ficavam as salas de aula, o laboratório, o salão das assembleias, as cantinas (eram duas, uma do "seu" Manoel Preto e outra do "seu" Manoel Branco), a administração e um galpão com bebedouros e mesas de ping-pong.

De um lado funcionava a quadra de basquete, e do outro o disputado campo de futebol, onde os times Azul, Branco, Preto e Vermelho disputavam acirrados torneios semanais, quando só não valia xingar a mãe.

Nesse campo se forjaram grandes atletas, inclusive o craque Zezinho (o popular Zé da Bola), que chegou à Seleção e brilhou nos principais clubes daquele tempo. Ah, e tinha também a piscina, que

só enchia quando chovia, onde o menino Fubá se destacava como campeão do pedaço.

É, mesmo com o rigor exigido pelo diretor quanto às notas, o Colégio de Muqui foi um marco em nossas vidas, por isso mesmo lamentamos a impossibilidade de comparecer a esse encontro de ex-alunos, entre os quais possivelmente encontraríamos contemporâneos daqueles tempos, quando éramos felizes e não sabíamos. Mas, no próximo ano, quem sabe?

Como nosso espaço é curto, não vamos poder tratar do assunto divulgado pelo bom Natanael Leal, que está com muita razão, revoltado com o descaso das autoridades municipais de Aracruz para com a vila de Santa Cruz, uma das mais antigas do Brasil, por onde o imperador Pedro II passou em 1860 em sua viagem de reconhecimento às províncias do Norte.

Esse problema é sério, merece atenção especial, razão pela qual a ele voltaremos na edição de amanhã. Aguardem, pois!!!

TRIBUNA NAS RUAS

Você apóia fim da reeleição para Presidente?

FOTOS: JULIA TERAYAMA/AT



NÃO. Eu sou contra o fim da reeleição, gosto muito do Lula. Acho que ele está fazendo um bom governo e, se for candidato outra vez, votarei nele. Por isso, entendo que a reeleição para Presidente deve ser permitida.

Marcelo Cipriano,
33 anos, motorista,
I. de Santa Maria, Vitória



SIM. Sou favorável ao fim da reeleição. Embora Lula esteja fazendo bom governo, entendo que precisa vir outro candidato. A renovação é importante. Por isso, acredito que a cada eleição deve haver alteração de candidatos.

Patrícia Ribeiro,
27 anos, professora,
Fradinhos, Vitória



NÃO. Eu não tenho nada contra manter no cargo o governante que está se saindo bem. Lula está fazendo bom governo e, apesar de ter ficado lá por dois mandatos, deveria ficar mais um. Sempre votei nele e votaria de novo.

Ilton Ferreira,
69 anos, aposentado,
I. de Santa Maria, Vitória



SIM. Eu apóio sim, porque o presidente Lula já está completando o seu segundo mandato. Está na hora de deixar o lugar para outra pessoa. O terceiro mandato não seria correto. Na política, é preciso haver renovação.

Vinícius Gil Pereira,
20 anos, autônomo,
Joana D'Arc, Vitória



NÃO. Eu não sou favorável, entendo que no atual momento que vive o País, reeleição é necessária. Lula está fazendo excelente governo e deveria ser reeleito. Hoje, certamente eu votaria nele, sem qualquer sombra de dúvida.

Bernadete Rutiliano,
55 anos, aposentada,
I. de Santa Maria, Vitória



SIM. É questão que precisa ser amplamente debatida. É preciso debater o tema, para que se defina o melhor caminho a seguir. A reeleição, por si só, não é exercício democrático, pois o ideal é que se tenha renovação.

Maria Verônica Gomes,
47 anos, atriz,
I. de Santa Maria, Vitória